

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS



CÉU FERREIRA BARBOSA

**MANDINGAS COMO MATÉRIA DE PROTEÇÃO:  
AUTOBIOGRAFIA TRAVESTI NO CURSO DE  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

GOIÂNIA  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Céu Ferreira Barbosa**

Título do trabalho: MANDINGAS COMO MATÉRIA DE PROTEÇÃO: AUTOBIOGRAFIA TRAVESTI NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo/a orientador/a)

Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 06/02/2023, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Céu Ferreira Barbosa, Discente**, em 28/02/2023, às 16:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3505333** e o código CRC **7C411211**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CÉU FERREIRA BARBOSA

**MANDINGAS COMO MATÉRIA DE PROTEÇÃO: AUTOBIOGRAFIA TRAVESTI NO  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como um dos requisitos à obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Luzia de Abreu

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Barbosa, Céu Ferreira

Mandingas como matéria de proteção [manuscrito] : Autobiografia travesti no curso de Licenciatura em Artes Visuais / Céu Ferreira Barbosa. - 2023.  
XLVII, 47 f.: il.

Orientador: Prof. Carla Luzia de Abreu.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Artes. 2. Formação-docente. 3. Magia. 4. Travestilidade. I. Abreu, Carla Luzia de, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezesseis dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “MANDINGAS COMO MATÉRIA DE PROTEÇÃO: AUTOBIOGRAFIA TRAVESTI NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS”, de autoria de **Céu Ferreira Barbosa**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela profa. dra. Carla Luzia de Abreu - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. dr. Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri (FAV/UFG) e profa. dra. Ana Reis Nascimento (FEFD/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 20/02/2023, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Usuário Externo**, em 23/02/2023, às 23:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2023, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3505330** e o código CRC **98F5FD54**.

## **AGRADECIMENTOS**

Das coisas que não são palpáveis, mas que fazem sentir quase que fisicamente em diferentes níveis e camadas. Capilaridades. Fluidos nutritivos, invisíveis, que atravessam finas passagens e espaços de trânsito. Dessas, quero agradecer a espiritualidade que me alcançou/atravessou durante os últimos anos da graduação e permitiu que eu me sustentasse de cosmovisões e palavras de a(fé)to, me fazendo reconhecer caminhos, encruzilhadas e abrindo olhos e buracos do corpo para a ressignificação que Exú traz. Agradeço imensamente minha orientadora Dra. Carla de Abreu, que pacientemente me apoiou nas diversas vezes que tentei finalizar este trabalho cheio de interrupções. Além disso, esteve comigo durante toda minha graduação, compartilhando projetos, pesquisas, palavras de apoio e cuidados nos momentos difíceis, coisas que vão além de uma relação de orientação acadêmica. Agradeço às pessoas com quem mantive vínculo afetivo durante esses anos. Travestis que vieram antes abrindo caminhos e as que ao meu lado estão escrevendo futuros possíveis para o tempo presente. Naja, Alma Júlia, Ieda, Âmbar, Iago, Gabriela Chaves, Barbara Stella, meu eufórico e incansável cachorro Augusto, obrigada!

*Zé Pilintra quem falou e quem soprou os caminhos  
para o nascer dessa escrita*

## RESUMO

Esta pesquisa é como o desvio de um rio atizado por erosões de causas muito ou pouco naturais. Mas, ainda assim, leva água e encharca outras terras, que embebe algumas sementes enquanto outras se mantêm dormentes à espera de uma outra fonte úmida. O texto autobiográfico relata parte dos conflitos vivenciados por pessoas trans dentro da formação acadêmica, em específico as artes. Traz um levantamento sobre a construção da identidade travesti no Brasil e narra sobre estratégias de como driblar as contradições possíveis na ocupação dessa identidade em espaços formativos em um campo ficcional e onírico, e desde uma perspectiva autobiográfica. Por fim apresenta uma série de produções artísticas criadas como um processo de finalização de ciclo e esquema de proteções mágicas em forma de amuletos.

**Palavras-chave:** artes; formação-docente; magia; travestilidade

## RESUMEN

Esta investigación es como el desvío de un río agitado por erosiones de muy o poca causa natural. Pero, aun así, toma agua y empapa otras tierras, que mojan algunas semillas mientras otras quedan dormidas esperando otra fuente húmeda. El texto autobiográfico relata parte de los conflictos vividos por las personas trans dentro de la formación académica, específicamente en las artes. Trae un levantamiento sobre la construcción de la identidad travesti en Brasil y narra estrategias sobre cómo eludir las posibles contradicciones en la ocupación de esa identidad en espacios formativos en un campo ficcional y onírico, y desde una perspectiva autobiográfica. Finalmente, presenta una serie de producciones artísticas creadas como proceso de finalización de ciclo y esquema de protecciones mágicas en forma de amuletos.

**Palabras clave:** artes; formación de profesores; Magia; travestismo

## LISTA DE FIGURAS

<a href="#"><u>Figura 1. Ventura Profana, sem título, 2021. Colagem Digital</u></a>	33
<a href="#"><u>Figura 2 Céu Barbosa, Pesca Proibida, 2021. Fotografia e Colagem Digital</u></a>	35
<a href="#"><u>Figura 3 Céu Barbosa, Presente Amuleto. Bordado</u></a>	38
<a href="#"><u>Figura 4. Amuleto da Circulação, Céu Barbosa, 2021. Bordado</u></a>	41
<a href="#"><u>Figura 5. Amuleto da Costura, Céu Barbosa, 2023. Bordado</u></a>	42
<a href="#"><u>Figura 6. Amuleto da Transmutação, Céu Barbosa, 2023. Bordado</u></a>	43

## SUMÁRIO

<u>PRÓLOGO</u>	11
<u>1. INTERRUPÇÕES / CAMINHOS ANTIGOS / HISTÓRIAS QUE SINTO</u>	14
<u>2. BREVES RELATOS “IMAGINADOS”</u>	17
<u>3. SER TRAVA E SER PROFESSORA</u>	20
<u>4. ABRE PARÊNTESES: TEXTO APÊNDICE I</u>	25
<u>4.1. SER PROJEÇÃO, NASCER, INTERAGIR</u>	25
<u>5. PARA AS INTERRUPÇÕES: ESTRATÉGIAS DE JOGO/DANÇA</u>	29
<u>6. ABRE PARÊNTESES / APÊNDICE II: PRESENTE AMULETO</u>	37
<u>7. FIGAS: FICCIONAR MATÉRIA EM FEITIÇO</u>	40
<u>REFERÊNCIAS</u>	45

## PRÓLOGO

Inícios sempre se mostram como um desafio para mim. Tenho energia para dar continuidades, seguir movendo algo que, de alguma forma, já tem algum alicerce. No geral, o impulso enérgico para começar está naqueles territórios de difícil acesso. Insegurança, frustração, medo, sensações que tomam forma e parecem uma conspiração de lugares assustadores da nossa própria mente. A sequência de autossabotagem que se enfileiram sem nos oferecer tempo para respirar.

Como podem perceber, nesta escrita, que aqui se inicia, falarei a partir de minha própria vulnerabilidade e arquejos de força na tentativa de construir, a partir da escrita autobiográfica, a devir docência a partir de uma subjetividade em condição de dissidência.

Falar sobre a minha existência enquanto corpo trans significa trazer discussões sobre performatividades outras dentro de um contexto social maior, entender como se dá o processo da minha formação humana e acadêmica enquanto docente em dissidência e quais as narrativas possíveis deflagradas nos atravessamentos e atritos gerados a partir da ocupação dessas *corpas* em espaços de formação em Licenciatura em Artes. Nessa direção, busquei cruzar o relato (auto)biográfico com literaturas que localizem essas vivências dentro de um campo teórico que conceitue questões sociais e estruturais relacionadas a elas.

Portanto, pensar em uma escrita que parta de um reconhecimento autobiográfico, torna-se uma necessidade, devido aos processos que foram marcando ou deixando de marcar minha vida. Sorrisos, traumas, viagens, visualidades, cicatrizes, símbolos, pecados, profanações, desobediências à sina deixar de existir, encontros e trocas afetivas foram construindo elementos importantes da minha subjetividade e estão diretamente ligados aos meus processos artísticos e, portanto, educacionais, enquanto docente em formação.

Pesquisar e escrever a partir da minha existência se dá como um elo que conecta esses atravessamentos individuais com experiências no contexto de formação educacional vivenciadas por outras *corpas*. Esse ajuntamento de relatos surge na intenção de faiscar essas narrativas a fim de promover suporte às nossas existências. Para Deivid Nascimento de Carvalho:

O relato de si ecoa a voz historicamente calada, cuja fala centrava-se apenas na cisgeneridade. O papel midiático que estes indivíduos estão inseridos transformam a readaptação da autobiografia para emergir reflexões sobre os encontros e desencontros da identidade através de um questionamento de si perante o mundo. (CARVALHO, 2021, p.353)

Cruzando metodologicamente a narrativa autobiográfica, a retomada, encontros e conceitos teóricos apresentados na revisão bibliográfica e práticas artísticas, foi construída esta pesquisa. Buscando entender como o processo de formação e atravessamentos nas corporeidades docentes, colocadas em dissidência, e a ocupação dessas *corpas* em espaços educacionais formais, podem construir narrativas pedagógicas.

Enquanto metodologia, foi utilizado a perspectiva de investigação qualitativa, em específico a abordagem autobiográfica hibridizada à conceitos teóricos que são importantes para construção e análise dos dados dessa escrita. Através de uma autorreflexão, o exercício autobiográfico é algo onde:

[...] o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão do si faz emergir em sua narração todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribui para a construção social da realidade. (CIPRIANI, 1983 apud SPÍNDOLA; SANTOS, 2003, p. 122)

Assim, penso que não haveria outro modo de entender, estruturar e analisar esses relatos, a não ser a partir de uma escrita narrativa em um exercício metarreflexivo, em que:

Diversos questionamentos surgem na tensão dialética entre o pensamento, a memória e a escrita, os quais estão relacionados à arte de evocar, ao sentido estabelecido e à investigação sobre si mesmo, construídos pelo sujeito, como um investimento sobre a sua história, para ampliar o seu processo de conhecimento e de formação a partir das experiências. (FEITOSA; CARVALHO, 2014, p.6)

Para a uma ampliação que extrapole a uma escrita que se restrinja às minhas vivências, busquei fazer uma pesquisa bibliográfica, a partir de textos e entrevistas já realizadas e publicadas, que dialogam com a experiência formativa de pessoas trans que apesar de suas particularidades e vivências individuais, também se encontram no lugar de *corpa* resistente e ocupante no ambiente educacional.

Além, dessas narrativas me encontrarem no que partilhamos enquanto identidade, elas também são fontes para as práticas artísticas, que é uma etapa conclusiva importante para este trabalho. Ao final, apresento uma série de objetos artísticos produzidos por mim, que surgem como uma ferramenta de encerramento de ciclo e abertura de caminhos para as próximas fases que estão dispostas para mim, após a finalização do curso.

Quero evidenciar que me colocar a pensar esta escrita, desde o início do ano, vem me mudando de forma tão significativa, me colocando em conflitos, mas também me levando à caminhos de resoluções que estão sendo de extrema importância para mim nesse período. E de uma forma muito atravessadora essa pesquisa se conclui e chega até mim.

## 1. INTERRUPÇÕES / CAMINHOS ANTIGOS / HISTÓRIAS QUE SINTO

Esta pesquisa é como o desvio de um rio atizado por erosões de causas muito ou pouco naturais. Mas, ainda assim, leva água e encharca outras terras, que embebe algumas sementes enquanto outras se mantêm dormentes à espera de uma outra fonte úmida. O projeto que se iniciou em 2020 foi interrompido por uma série de desventuras em proporções pessoais, coletivas e institucionais. Acontecimentos de estar viva, ser independente financeiramente, desdobrar entre trabalhos, subempregos e formação.

De algumas delas estou cansada de falar sobre, e possivelmente escolheria me alienar caso tivesse esse privilégio. Estou cansada de falar sobre a pandemia, mas, pensando que este texto pode ser lido em um momento que esse momento seja uma realidade distante, e que esse fato histórico influencia diretamente nos direcionamentos que minha vida e saúde física e mental tomou durante a graduação, trago aqui uma rápida contextualização.

Enfrentamos e continuamos a lidar com o coronavírus (COVID-19), uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 e que para nós, no Brasil, teve sua mortalidade potencializada pela falta de políticas de enfrentamento e combate ao vírus.

Nesse cenário apocalíptico, nos últimos anos, existiram diversos percalços que direcionaram ao colapso da escrita e constantes surtos de ansiedade. Acrescento os atravessamentos de escalas mais ou menos individuais que têm influência direta na minha disposição em desenvolver o projeto de pesquisa. Explico-me: cruzei um momento de elaboração e entendimento da minha transição de gênero. No início do curso, vivia em um ambiente doméstico que, apesar de haver um vínculo familiar, os momentos de afeto eram intercalados com significantes conflitos ideológicos, configurados entre mim e pessoas evangélicas de extrema direita: meus pais. Ali, existia um constante medo de ir parar na rua pelas divergências políticas e de nossas particularidades.

Nesse redemoinho, 2019, 2020, 2021, 2022, quatro anos da minha graduação e quatro anos que qualquer brasileira(o) que entendeu a agenda neoliberal e fascista do então presidente do país, vai lembrar esses anos como momentos de perdas,

sofrimento, insegurança física, moral e psicológica, injustiça e cortes que permanecem abertos.

Estudantes de diversos níveis tiveram sua saúde mental afetada a cada ameaça que a educação pública e os programas de financiamento à pesquisa sofriam. Assim, a expectativa e urgência em me formar em Licenciatura em Artes Visuais foi assombrada pelo fato de que as políticas públicas para educação estarem nas mãos de mentes neoliberais, nos afastando de qualquer vislumbre de inserção de humanidade e criticidade às práticas pedagógicas e aos espaços educativos.

Nesse cenário, as políticas que determinam diretrizes e currículos do Ensino Básico se limitam a um processo educativo que visa a formação de mão-de-obra qualificada, distanciando-se de uma formação política e crítica que seja sólida. São consequências que refletem problemas sistêmicos e estruturais que nos acompanham historicamente, cujos alicerces coloniais, em grande medida, são reafirmados a partir da perspectiva de dominação e relações de poder. Os espaços educativos fazem parte do planejamento das políticas neoliberais que buscam manter nossas subjetividades sob controle e seguindo padrões que sustentam o sistema econômico e de representações (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 39).

Para Maria Clara Araújo:

Constatar que o currículo foi planejado visando o domínio dos/as educandos/as, conduzindo-os/as a reflexões e ações que foram estabelecidas como padrões a serem seguidos, nos mostra que seus princípios tinham como fundamento a primazia do controle sob esses sujeitos, delimitando, assim, de quais formas seriam construídos, quais papéis iriam desempenhar. (ARAUJO, 2019, p. 197)

Nesse sentido, para execução desses princípios, entendemos que, socialmente, determinados espaços negam a sua ocupação por pessoas LGBTQIA+ e, quando são somadas as identidades racializadas e periféricas, suas condições de trabalho, de estudos e relações sociais estendidas, essas condições são ainda mais precarizadas. Portanto, assim como alguns espaços são negados, outros são socialmente atribuídos a essas corporeidades, mantendo fronteiras que de certa forma ainda estão solidificadas.

É importante evidenciar essa estratégia de unir a precariedade à territorialização do espaço educacional e reafirmar a identidade conformada a padrões binários, em que as performatividades docentes e discentes são regidas por uma

normatividade que busca funcionar na reiteração de propósitos de manutenção de uma classe dominante. No Brasil, a situação se agrava mediante alianças políticas com o neopentecostalismo, e que vamos demorar anos, para que os desdobramentos dessas alianças se tornem um fato histórico superado. Assim, além da exclusão física, lidamos com uma violentação simbólica e psicológica sob as representações docentes que estejam confabulando práticas pedagógicas emancipatórias.

Esse processo de higienização do ambiente escolar afasta as *corpas* de docentes e alunes que representam possibilidades outras de existências para crianças, adolescentes, jovens e adultos que ocupam o ambiente educacional formal.

Ao observar meu percurso de formação dentro desse ambiente escolar formal, percebo elementos que afastam o Ensino Básico de uma real democratização. Cruzando resultados de uma pesquisa de iniciação científica, bem como experiências de campo durante os estágios obrigatórios e demais vivências de trabalho docente e mediação cultural durante a graduação em Licenciatura em Arte Visuais, noto que a falta de referenciais não hegemônicos nos currículos e no corpo docente das escolas fazem parte do sofrimento educacional de identidades que são colocadas à margem, reafirmando o caráter excludente do ambiente educacional, como apontado por Berenice Bento (2011).

Como já foi explicitado anteriormente, os processos de exclusão se estendem às performances docentes não hegemônicas dentro do ambiente formal de educação. Isso se transforma, para mim, em uma ansiedade e insegurança frente às barreiras que separam minha travestilidade, das possibilidades de estar na função de mediação do ensino das artes visuais, na educação básica de ensino. Minha subjetividade construída em percursos, vivências pessoais e acidentados pouco democráticos que, de forma mais ou menos intensa, atravessam a minha existência, acabaram por definir, também, a minha deleuziana devir docência. São experiências que me levam a questionar como é ser docente nesse plano de fundo, para mim, ainda aterrorizante.

Essa inquietação não é exclusiva, e quase que diariamente, me deparo com notícias e depoimentos de outras pessoas trans que tem seu percurso dentro de espaços educativos atravessados por violências institucionais.

## 2. BREVES RELATOS “IMAGINADOS”

Para introduzir a esses relatos é importante mencionar que nesta pesquisa o conceito de corporeidade é entendido como sendo “toda a pessoa”, inclusive sua consciência e sua memória (NOYOLA, 2011, p. 19). Como explica Gabriela Noyola, corporeidade é produto da cultura e, portanto, atravessado pelos jogos de poder que instalam e conformam a ideia de corpos segundo certas crenças e sistemas filosóficos, enquanto outros, aqueles que questionam esses vínculos, são ignorados ou diretamente combatidos (ibidem 2011, p. 30).

Por sua vez, *corpas* é um termo usado pelos movimentos trans e feministas com a intenção de “torcer” a linguagem, generificar palavras e, também, “assinalar a possibilidade de uma não-imposição de gênero” (MEIRELES, 2020, p. 33). Outras palavras serão usadas neste trabalho com o mesmo objetivo de adotar designações neutras de gênero. Já o termo “dissidência” se refere às “*corpas*” que se situam fora de uma norma esperada de ocupação dos espaços” (ibidem 2020, p. 34).

Existe uma cartografia imaginada, que cataloga espaços e seus transeuntes, e pode gerar um reflexo construído em nossas cabeças que idealiza um corpo e consegue caracterizá-lo ao descrevermos sua função de trabalho. Vivemos em uma bolha que consegue desvincular os arquétipos pré determinados socialmente para determinadas identidades e funções dentro da sociedade, mas pensando em uma camada social mais ampla, sabemos que a imagem que se tem construída de uma professora, em quase nenhum caso, está associada à imagem de uma travesti.

Esta inquietação não é nova. Desde o início desse processo formativo na Universidade, a ansiedade foi uma companheira constante nos momentos que proporcionaram trocas e atravessamentos, quando a presença da minha *corpa* – e sua linguagem – estabeleciam relações com a sala de aula. São inquietações, de ordem complexa, pouco palatável e que se mostram cada vez mais intocáveis nos ambientes de Educação Básica. Relembrando meu processo formativo, percebo que antes da incerteza de ter ou não acesso ao trabalho docente em instituições formais, precisei lidar primeiramente com as relações estabelecidas dentro do ambiente institucional com meu corpo habitando esse espaço.

*Corpo/subjetividade que em constante transmutação se constrói.  
Zona limítrofe de confabulação da minha existência.*

É necessário evidenciar a possibilidade de manutenção desses conflitos na instituição acadêmica. Os enfrentamentos existentes nessa relação, e que impedem que corporeidades dissidentes tenham a oportunidade de um trabalho que fuja daqueles que são socialmente pré-estabelecidos a elas, afetam àquelas que, por sorte, resistência e/ou privilégios, conseguiram chegar até esse lugar de “docente em formação”. Eu, que fui uma dessas pessoas de sorte, resistência e privilegiada em ter acesso à academia. Tive durante essa jornada um percurso de constantes mutações até confabular a identidade que assumo hoje –, e existiram constantes desafios em concluir esse processo de formação.

Em portais de notícias, é fácil encontrarmos manchetes e textos que falam sobre a situação e permanência de pessoas trans dentro de espaços formativos. A exemplo, em uma entrevista publicada pelo canal da Universidade Federal de Juiz de Fora, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Guilherme Almeida, que é pesquisador em diversidade de gênero e sexual. Nesta entrevista, o professor evidencia as dificuldades que pessoas trans enfrentam dentro do espaço formativo acadêmico, que por vezes sem apoio familiar, necessitam de suporte e facilitação de acesso e permanência por meio de ações de cotas e bolsas de estudos, através de programas sociais com funcionalidade reparadora.

Maria Clara Araújo, é recifense e foi a primeira aluna travesti do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tendo assumido sua travestilidade aos 16 anos, ainda no Ensino Médio. Sua pesquisa transita em refletir sobre a institucionalização da violência e da exclusão de pessoas trans e travestis em ambientes educacionais. Em entrevista para o canal Afros e Afins, a pedagoga comenta da sua trajetória escolar como mulher travesti:

Quando eu entro na Pedagogia, é muito em um movimento de entender meu processo de escolarização e tudo ao que eu fui submetida. Naquele momento, não havia uma portaria de nome social. Inclusive quando cheguei à direção escolar para falar do meu nome social, eles perguntaram: “Mas o que é isso?”. Eu expliquei para eles que era um nome pelo qual eu queria ser chamada e que isso seria importante para minha escolarização. Eles disseram que Maria Clara não existia, que não havia por que me chamarem por aquele nome quando na minha certidão de nascimento era outro nome. (ARAÚJO, 2019)

Em sua obra “Sinfonia Para o Fim do Mundo” a professora, artista e pesquisadora Isadora Ravena traz em forma de pequenos textos, os “#bilhetes navalhas”, assim intitulado pela escritora, relatos rápidos e de visualidade emergencial. Em um deles, sobre suas experiências acadêmicas, diz:

#### LISTA DE COISAS QUE JAMAIS ACONTECERIAM COM UMA ALUNA TRAVESTI NO CURSO DE TEATRO DA UFC:

1. Um professor gritar pro aluno na aula de interpretação: “Mais humano, menos travesti!”
2. Uma professora retirar a bolsa de uma aluna travesti que precisava passar um tempo fora da cidade buscando apoio psicológico.
3. Uma aluna travesti escutar de um professor que todos os seus trabalhos ter o mesmo tema (gênero) e que isso cansa.
4. Um professor dizer para uma aluna travesti que ela é louca e sua pesquisa não tem fundamento pois ela está na academia e precisa produzir ciência.
5. Um professor dizer que barulho de salto incomoda.
6. Uma aluna travesti ter que responder em urna sala com 20 alunos como enfrentaria a contradição de ser travesti e professora.

*Isadora Ravena, Sinfonia Para o Fim do Mundo, 2020.*

### 3. SER TRAVA E SER PROFESSORA

Como enfrentar a contradição de ser travesti e professora? A pergunta que sai desse bilhete navalha, me representa em um processo que culmina na graduação, mas que é resultante de toda uma trajetória inscrita pelas incertezas. Hoje, ressignifico a dúvida e a instabilidade como pertencentes a minha forma de dar resoluções poéticas aos conflitos que atravessam minha trans existência. Portanto, esse questionamento representa a constante incerteza do meu percurso docente, bem como as formas e expectativas de que isso aconteça sendo travesti.

Ainda nas palavras de Isadora Ravena (2020, p. 10):

O termo "travesti" não me chega enquanto uma alternativa identitária fixa, encontro no travesti um campo de afirmação que se realiza na fuga aos modelos hegemônicos de gênero, ao binarismo, como um escape da necessidade de ser um ou outro. Me dizer travesti e estar na universidade e tentar encontrar nela suporte é uma contradição desafiadora.

Para destrincharmos melhor a propulsão dessa “contradição”, vamos nos deixar levar momentaneamente pelo que sabemos que está posto social e historicamente para imagem docente, sobretudo dentro de um contexto de Educação Básica. E em contraposição, quero apresentar uma breve contextualização de como se dá parte do processo de construção da imagem da travesti no Brasil.

No contexto da ditadura no Brasil, as forças militares se empenharam para a manutenção do higienismo em diversos âmbitos culturais e sociais, perseguindo e reprimindo qualquer tipo de oposição que se organizasse contra o movimento fascista. Essas perseguições só vão diminuir com o enfraquecimento do regime militar, ao final dos anos 80 que “é marcado pelo processo de redemocratização do país, momento em que aberturas políticas inflam ares de renovação nas coletividades após décadas de regime ditatorial” (BICALHO, Apud. CAVALCANTI, BARBOSA e BICALHO, 2018, p. 177), mas, ainda sim, seguiam-se mecanismos de higienização social e política para algumas identidades.

Em 27 de fevereiro de 1987 se iniciava na cidade de São Paulo uma operação policial chamada “Operação Tarântula”, que tinha como objetivo a apreensão legal de travestis, através das justificativas moralistas, referentes a prostituição e como forma de controle da epidemia da AIDS, que eclode também na década de 80, sendo

batizada pela imprensa como “peste gay”, diretamente relacionada à identidade travesti na época (Ibidem., 2018, p. 178).

Esse momento da nossa história é parte do processo de construção da imagem marginalizada de travestis e mulheres trans no Brasil, gerando uma legitimação das violências sofridas por nós, refletindo diretamente no ranking que o Brasil ocupa atualmente de país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo. De forma velada e não oficialmente ligada aos órgãos do governo, o processo de caça às travestis continua em curso através da violência, descaso, marginalização econômica, rejeição familiar, negação do direito à saúde, dificuldade no acesso à educação, trabalho formal e processos humanizadores.

Historicamente, pessoas LGBTQIA+, sobretudo pessoas trans e travestis convivem diariamente com estruturas reificantes, que provocam “(...) a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas” (BOTOMORE, 1988, p. 314). O resultado são identidades tratadas como não-humanas, e vistas socialmente como indignas de estar em pleno exercício de seus direitos, inclusive aquele que nos garantiria o acesso à educação, arte e a cultura.

Há um regime de produção constante da violência que incute nas subjetividades travestis níveis de aceitação do lugar da subalternidade. Como se de algum modo passássemos a crer que os lugares de inferiorização socialmente impostos são os únicos que nos cabem no percurso da vida. (CAVALCANTI, BARBOSA e BICALHO, 2018, p. 176)

Grande parte desse sentimento, é construído também pela mídia brasileira que por muito tempo ridicularizou a imagem da travesti, e ainda hoje espetaculariza e repercute violências e mortes sofridas por nós de forma ineficaz e jocosa. Divulgam nome de nascimento, ignorando também o uso correto dos pronomes ao se referir à nossas identidades. Evidenciam nossa precariedade e invisibilizam conquistas históricas que diversas mulheres trans e travestis alçaram e continuam alcançando. Esses aspectos e outros mecanismos de criação desse estereótipo marginalizado da travesti, engendram esse sentimento de não pertencimento ou merecimento do lugar de subalternização. Isso me afeta e afeta diversas outras pessoas trans com tem tive oportunidade de conversar, inclusive dentro do espaço acadêmico.

Construir essa imagem, faz parte de estratégias de higienização de espaços para que se mantenha uníssono a manutenção da heterocisnormatividade, que se fortalece através de um sistema de sexo e gênero que para Preciado:

(...) é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da produção reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26)

É inegável a crescente presença de pessoas trans e travestis dentro das Universidades e espaços educativos, e que é fruto de uma expansão do acesso aos cursos de formação e políticas públicas que foram se solidificando por meio do surgimento do movimento organizado de travestis e mulheres trans, que estiveram em comissão de frente para garantia dos direitos que conseguimos usufruir hoje.

Esse movimento é dividido por Thiago Coacci Rangel Pereira em três ondas:

A primeira percorreu do início dos anos 1990 até o início dos anos 2000. Foi um período marcado principalmente pelo surgimento dos primeiros grupos organizados de ativismos travesti, como a ONG pioneira ASTRAL, no Rio de Janeiro. A segunda onda ocorreu entre os anos de 2000 e 2010. Foi marcada, dentre outras coisas, por uma expansão do movimento por todo o país, pelo fortalecimento das relações com o Estado em âmbito nacional e o surgimento das primeiras políticas públicas, como o Processo Transexualizador. Há ainda o surgimento de forma mais coesa de um campo de estudos sobre transexualidade no Brasil, intimamente relacionado com a expansão do processo transexualizador. A terceira onda ocorre nos anos de 2010. Foi um período bastante conturbado e conflituoso, não apenas para o campo do movimento, mas para o contexto nacional mais ampliado. Foi marcado por uma expansão ainda maior do movimento, pela multiplicação dos modos de organização, de ação e identificação, bem como pela visibilidade cada vez maior da população trans na mídia e nas produções acadêmicas (COACCI, 2018, p. 245).

Ainda que estejamos em um momento de expansão do movimento, as marcas dessa construção histórica não deixam de existir, perpetuam lugares pré-determinados para nossas identidades e mantêm essa contradição posta para nós e para sociedade. Assim, é urgente pensar em formação e campo de empregabilidade que funcionem como agentes de ressocialização e como ferramenta de corte das contradições existentes dessas *corpas* dissidentes ocupando lugares de destaque.

Romper com o ciclo de desumanização da identidade travesti, mas também a promoção de ações eficazes no rompimento desse estereótipo que ainda persiste sobre as concepções de grande parte da sociedade brasileira. É preciso desenvolver estratégias coletivas de reparação, e políticas que coloquem essas discussões como eixo para todas as pessoas, e não somente aquelas que vivenciam essa realidade ou se interessam pelos estudos e discussões desenvolvidas por/sobre nós.

Dito isso, ainda me encontro nesse lugar de medos e inseguranças, mas, hoje, essas experiências servem de energia para mutar esses sentimentos e fronteiras em potencialidades pedagógicas. A intenção é evidenciar, fortalecer e mapear as respostas curativas e ficcionais de uma docência devir, que estrategicamente vem driblando as fronteiras ainda não demolidas.

#### 4. ABRE PARÊNTESES: TEXTO APÊNDICE I / OLHAR PARA TRÁS

*E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal.*

Gênesis 19:26

Deus decide destruir Sodoma e Gomorra. Em sua infinita misericórdia, avisa a Ló, sua mulher e filhas que deveriam partir sem olhar para trás. A mulher de Ló, que sequer tem seu nome revelado, desobedece a ordem do Senhor e inclina sua visão para trás, observando ao seu presente/passado que estava prestes a ser destruído pelo “Juiz dos juízes”. A decisão é relatada no Livro Sagrado como sendo resposta ao comportamento pecaminoso dos habitantes dessas duas cidades: o pecado da sodomia e da homossexualidade.

Essa é a interpretação que me foi ensinada ao crescer dentro de um espaço religioso pentecostal, e que ao revisitar novamente a passagem bíblica para essa escrita, reafirmo que essa é uma interpretação possível para essa “história de fé”. A construção do medo presente nessa narrativa, sobretudo para *corpas* dissidentes que vivenciam esse espaço, é óbvia e proposital. Preciso destruir em mim tudo que fuja dessa imoralidade, e caso eu, arrependida da negação da minha carne/humanidade, olhar para trás, também serei destruída.

Esse apêndice inesperado, se justifica em três argumentos: o primeiro é sobre a necessidade de refletir um lugar de relação social (igreja evangélica) que representa o período de dezoito anos da minha vida. O segundo, é que pensar o meu processo educativo e artístico está ligado diretamente às vivências nesse espaço. Por último, escrevo para enunciar percepções dos atravessamentos que minha presença, enquanto travesti, geram em mim e em espaços educativos atravessados cada vez mais por interesses religiosos.

Antes de seguir, reafirmo o caráter pessoal que essa narrativa se insere, ao refletir sobre a minha experiência nesse espaço, não a generalizo enquanto única relação possível com a determinada religião, muito menos com a comunidade ali presente. Por tanto, problematizo e tento entender o processo institucional dessa religião e o seu uso a partir de interesses coloniais e capitalísticos, e não seus frequentadores, sobretudo das comunidades periféricas e socialmente

marginalizadas. Dirijo o trauma ao pastor televisionado, aos membros com carros importados, casas e investimentos milionários, às custas da fé da prosperidade e seus precursores.

#### **4.1. SER PROJEÇÃO, NASCER, INTERAGIR**

No mesmo mês em que nasci, fui apresentada a Deus na igreja Assembleia de Deus Ministério de Campinas, em Goiânia. Mas antes disso, já se falava sobre meu nascimento nesse espaço: um presente de Deus enviado para cumprir um chamado. Quando progenitores evangélicos esperam uma criança, sobretudo de comunidades e igrejas menores e bairristas, geralmente cria-se uma grande expectativa coletiva nesta gestação. Projeções, adivinhações, profecias antecedem misticamente esse nascimento e são acompanhadas de outras projeções um pouco mais generalizadas culturalmente: as projeções que antecedem ao nascimento e visam manter identidades de gênero em aspectos binários e heterocisnormativos. (BENTO, 2011)

No meu caso, também havia um testemunho. Antes do meu nascimento, minha mãe sofreu um aborto espontâneo, portanto a minha vida era acompanhada de um milagre de Deus, e precisava ser compartilhado na igreja. Quando existe a evidência inegável na fé, de uma ação direta do Ser divino em alguém do grupo de devotos, essa experiência precisa ser relatada na intenção de glorificar e exaltar o poder desse divino Ser. Essa ação de partilhar a experiência é chamada na igreja de “contar um testemunho”.

Beatriz Sarlo (2007) traz o testemunho enquanto a “narração da experiência” e diz que “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (2007, p. 24). Assim, acredito que o testemunho na igreja funcione como a comprovação desse milagre/experiência e também da existência dessa fonte de poder divinal que opera sobre essas vidas. Geralmente as experiências positivas e gloriosas que são narradas, são posteriores a uma situação ou período crítico e infeliz na vida desses dos(as) congregantes

Estão inclusos livramentos de morte, cura de doenças, gestações de risco, um emprego, a conquista de uma casa ou até mesmo itens imateriais como a quebra de um ciclo pecaminoso a exemplo do adultério, a mentira, comportamentos mundanos, inclusive aqueles que repercutem em grande escala, como os depoimentos de “ex

gays” ou “ex travestis”. Esses são os relatos onde o período de “tribulação” vêm acompanhados de grandes doses de culpa e auto depreciação das memórias que são relatadas deste passado de desvio da ordem e vontade de Deus “uma ordem cujos únicos conceitos constitutivos sejam a desgraça e a culpa, e da qual se exclua a possibilidade de um caminho de salvação” (BENJAMIN, 2011, p. 7).

O projeto de criação dessa ‘subjetividade coletiva’ (GUATTARI e ROLNIK, 1996), baseada nesse ciclo de desvio, desgraça e culpa, é compartilhada e imposta, através de mensagens menos agressivas, desde de nossa tenra idade. Um exemplo disso são as iniciativas de grandes nomes da música gospel que produzem vídeo e álbuns voltados para o público infantil, obras que constantemente normalizam o discurso da culpa, do pecado e da morte. Além do vasto material de mídia, outras ferramentas são usadas na manutenção dessa subjetividade como são as chamadas “Escola Bíblica Dominical”, parte essencial desse conjunto de articulações formativas. A proposta é um grande atrativo, pois além de ser um espaço onde há interação com outras crianças nas “salinhas”, as atividades ali desenvolvidas eram sempre uma novidade, pois marca primeiro contato com pedagogias e elementos da educação infantil.

Fazíamos pinturas relacionadas a grandes eventos narrados na Bíblia Cristã, ensaiávamos corais, apresentações para datas comemorativas ou eventos da igreja. As atividades iam se tornando mais complexas e menos agradáveis com o passar dos anos. Mas a narrativa e intensão desse processo formativo, seguia a mesma em martelar em nossas subjetividades as únicas verdades possíveis, ensinando a temer a Deus e sempre nos alertando das armadilhas de satanás “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6:23).

Ter um primeiro contato com a educação de uma forma completamente enviesada, como acontece nas instituições religiosas, acaba por formar identidades, que Kitzinger apud Moita Lopes (2002) define como não sendo “fundamentalmente propriedade privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominantes”. A manutenção dessa formação de identidade, vai se tornando algo mais impositivo e agressivo com o avançar da idade, e quando entramos na educação básica já estamos carregadas de discursos e “verdades” que, vão entrar em colapso de forma mais ou

menos intensa, com os objetos de estudo apresentados neste novo espaço educativo. A intensidade desse impacto cultural, vai depender da instituição e viés político do grupo de profissionais que ocupam essa escola.

Percebo esse impacto no constante conflito que acontecia interno e externamente com a minha *corpa* e nas relações e dúvidas que aconteciam nesse espaço. Os dois ambientes formativos (igreja e escola), funcionavam, de forma geral, ao propósito da construção de identidade heterociscentrada. Na escola havia uma vestimenta de laicidade, mas que frequentemente se descosturava e ali se revelava uma estrutura educacional historicamente construída a partir de princípios cristãos.

Crescendo na zona oeste de Goiânia, região divisa entre outras cidades, frequentei escolas periféricas que refletiam o aspecto de marginalização que as instituições e pessoas que ocupam esse espaço estão submetidas socialmente. Minha *corpa* nesse espaço foi constantemente atravessada pelo conflito identitário e duplamente marginalizada enquanto criança viada, afeminada e evangélica. Pode-se imaginar a confusão. A confusão própria da construção de identidade que:

“[...] não é uma essência, um dado ou um fato seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação [...] (SILVA, 2008, p. 96-97).

Ao perceber que essas e outras violências estavam ligadas à minha performatividade “feminina”, adotei um comportamento masculinizado que diluiu esses conflitos em doses menos intensas, fazendo com que minha estadia nesse espaço se tornasse possível. Assumi, então, a culpa pelas condições de estadia adoecedora que se configurava nesses dois espaços (igreja/escola). Foram quase 18 anos assumindo esse comportamento até que tive a múltipla ruptura: familiar e subjetiva. Nesse tempo, em 2015, a expulsão de casa me fez retomar gradativamente fragmentos de uma performatividade outra, restabelecendo minhas verdades, inventando outras, caminhando em percursos que me levam a confabular e externalizar aos poucos uma travestilidade divina adormecida pela religiosidade.

Hoje, o pentecostalismo se estabelece como a segunda maior religião do país, contando com devotos que correspondem a 31% da população brasileira.

“Em termos absolutos, o Brasil foi o país que registrou o maior crescimento da população evangélica, em todo o mundo, nos últimos anos”, afirma o historiador e antropólogo Paul Freston, professor na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, em Waterloo, Ontário, no Canadá” (QUEIROZ, 2019)

Perceber esse crescimento, se transforma em um anseio do crescimento de um comportamento social, que está constantemente relacionado a criação e manutenção da imagem demonizada da travesti e de pessoas LGBTQIA+ e também responsáveis pela disseminação negativa a respeito dos estudos de gênero, debate sobre política de drogas, sexualidade.

Fecha parênteses.

## 5. PARA AS INTERRUPTÕES: ESTRATÉGIAS DE JOGO/DANÇA

“Há de se jogar o jogo, afinal, o cotidiano colonial é um verdadeiro campo de batalhas e mandingas”. (RUFINO, 2018, p.9)

É chegado o momento em que aquilo que está posto já não funciona mais e é preciso ativar cosmovisões que criem novas possibilidades de vida a partir da nossa imaginação. Formas de manejar a existência a partir de métodos curativos e ficcionais que partem de marcos teóricos decoloniais, estudos pós-estruturalistas que investigam as corporeidades, gêneros, performances e o ensino de arte, a partir de uma perspectiva da cultura visual e de pedagogias subversivas, mas, também, de escritas, confabulações, feitiços de travestis e experiências que escapam das formas acadêmicas de pensar as relações que se dão entre as performatividades dissidentes e as construções sociais que provocam conflitos e adoecimentos nessas corporeidades plurais.

Precisamos ativar a necessidade de pensar nas possíveis relações entre corpos colocados em situação de dissidência e que questionam as “verdades” constituintes de uma biopolítica do poder (FOUCAULT, 1988). Estarmos inseridas nesse ambiente, torna a negociação e articulação de nossas existências, uma questão vital e ininterrupta.

A necessidade de negociar surge no existir, por si só. Mas, também, chega até mim no ajuntamento de relatos e escritas que me atravessam enquanto almejos de um lugar ou não-lugar. Jota Mombaça (2016, p. 5) a partir de estudos kuir e fora do eixo da “intelectualidade” colonial, confabula sobre o poder da ficção e como ela antecede a criação e a recriação de imaginários. Assim, penso em formas não hegemônicas de me relacionar com a realidade, especificamente, com o contexto educacional, para ficcionar e negociar uma docência e existência devir. Essa negociação passa por lugares, por vezes, desconfortáveis e traumáticos, pois trata-se de uma contra-construção historicamente estabelecida, que se baseia na demolição de si e, a partir dos escombros, construir torres e fortalezas que representem as nossas existências.

Até aqui foram apresentadas as propulsões que me levam a idealizar o projeto de escrita deste trabalho, seguindo o caminho de coleta e reflexão de narrativas minhas e de outras pessoas trans que estão dentro do espaço acadêmico e pensando produção em artes visuais. Porém os impedimentos citados somam a uma barreira institucional que impedia que esse projeto de pesquisa tivesse continuidade devido ao curto prazo disponível para execução. Assim, a partir de um problema que se monta em meu pré-projeto de trabalho de conclusão de curso, nasce a inquietação de percorrer outros caminhos.

O comitê de ética não permitiria que a abordagem e metodologia baseada em algumas entrevistas, fossem uma possibilidade. As medidas adotadas preservam a seriedade que existe nas pesquisas qualitativas, e reconheço que a estratégia legítima institucionalmente nossas histórias, pensamentos e narrativas dentro do espaço específico da academia. Mas pensando nas coisas que poderiam deixar de ser ditas e expostas, a estratégia de transformação da realidade para outras narrativas possíveis, traz um pouco do que havia sido traçado nos momentos iniciais de elaboração deste trabalho. Mas e se as situações fossem hipotéticas? E se como um processo de autocura, eu convertesse essas marcas e situações dentro do meu processo formativo e de relação com o mundo, em ferramentas de prevenção ao caos?

Em um campo de *driblagem* onírica, invoco um “rolê epistemológico”. Inspirado pela dinâmica dos jogos de capoeira, Luiz Rufino afirma:

A noção de rolê epistemológico inspira-se nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço....O rolê é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. (RUFINO, 2018, p. 9)

Como driblar burocracias, barreiras invisíveis, a espetacularização dos nossos corpos, as feridas, uma das expectativas de vida mais baixas da sociedade brasileira, os desencantos, a falta de empregabilidade? Nesse campo batalhas de há de se usar todas mandingas, feitiços e demais dispositivos que funcionem em promover nossa existência plena, inclusive a arte:

A arte contemporânea não está alheia à essa disputa, ao contrário, está contaminada por bichas, sapatões, transviadas, transgêneres, travestis, putas, e uma multidão a de corpos que, em seus processos de criação, buscam quebras com os discursos hegemônicos de gênero, obrigando-nos a repensar nossas concepções sobre corpo,

sobre presença, sobre linguagem, sobre cena e mesmo sobre a própria arte. Impõem ao campo da pesquisa novas formas de questionamento, novos epistemes, outros mundos de investigação. Apontam na arte campos de potência para a criação de novos modos de existência. (RAVENA, 2019, p. 49 – 50)

É importante reconhecer, já na reta final da graduação em Artes Visuais - Licenciatura, que tive uma formação um tanto carente dessas referências que nos apontassem para um lugar fora do hegemônico, que os nossos encontros com estas, eram muito mais uma contravenção que cada um se propôs em determinado momento. A busca incessante por mulheres artistas, travestis e transexuais, racializadas, entre outras, dizia muito mais de um desejo meu do que da academia, dessa forma, minhas referências foram se constituindo e se fortalecendo por meio das pessoas e identidades, aos nossos arredores. Como salientado no trecho apresentado anteriormente, retirado do Trabalho de Conclusão de Curso da artista e pesquisadora Isadora Ravena.

Para Nancy Spero (2019), as artes, assim como todas as áreas de atuação, são dominadas por homens, tratando de um território masculino, o que leva a arte a ser vista através das histórias violentas da hegemonia masculina, por muito tratando de temas religiosos, de guerras, reinados, processos de colonização, figuras de poder, entre outros. O movimento de adentrar espaços protagonizados por homens, artistas mulheres propuseram outras discussões apontando para outros lugares, falando a partir de si, de forma íntima e coletiva, é histórico, e por vezes, antecede algumas discussões e conquistas feministas.

Vivemos no Brasil um constante processo de invisibilização de corpos e grupos de pessoas que são socialmente marginalizadas. Ao observarmos historicamente o processo de ensino e pesquisa em arte, bem como os grandes nomes citados em diversas literaturas que propõe esses estudos, em sua maioria narram identidades, obras e trajetórias hegemônicas, inviabilizando a presença de grupos sociais que foram historicamente marginalizados por processo coloniais.

A arte contemporânea que por sua essência, tensiona o debate sociais incluindo produções que questionam o próprio valor e importância da arte. Enquanto artista, percebo que existem marcas deixadas por esses tempos de invisibilidade e que refletem na dificuldade que vozes e visualidades dissidentes tem de acessar

espaços que foram construídos historicamente para um acesso restrito às classes dominantes. Mesmo se tratando de um lugar mais crítico e reflexivo da arte, sinto ainda que existem caminhos a serem percorridos por espaços e instituições de arte, em busca de uma abertura maior às produções artísticas não hegemônicas.

Sou travesti, artista visual e circense<sup>1</sup>. Fui criada no seio de uma família evangélica, espaço em que minha identidade se constrói em meio a diversos conflitos religiosos que atravessam minha existência. Para mim, meus processos de criação se estabelecem como alternativa de salvação, cura e ao mesmo tempo errante. Uma anunciação de um espaço para discussão a partir dessas experiências. Em um movimento de ferir e costurar as feridas, dos cuidados pós-cirúrgicos.

Nas palavras de Ricardo Basbaum, "produzir arte hoje é operar com vetores de um campo ampliado. Um campo que se abre ao entrecruzamento das diversas áreas do conhecimento, num panorama transdisciplinar" (BASBAUM, 2013, p. 27). Transitar na arte contemporânea e seus diversos suportes, para criação de uma nova narrativa e ressignificação e realocação de verdades e lugares de poder, é uma saída emergencial para os conflitos que cruzam nossas existências. A exemplo, A artista contemporânea, Ventura Profana, apresenta em seu trabalho emergências que são dadas a partir do resultado de todo um passado colonial que posiciona certas narrativas e identidades em lugares exaltados e como única via de possibilidade de vida e comportamento.

Essa emergência se prolonga no nosso país há mais de 500 anos. Respondendo a esse passado/presente colonial e cruzando com suas experiências, vindo também de um lar cristão, que no seu caso a Igreja Batista, Ventura desdobra seus trabalhos em diversos suportes e técnicas a fim de cumprir o seu propósito como pastora missionária, cantora evangelista e travesti. Na música e nas artes visuais, seu trabalho revoga o que foi tirado de pessoas negras, indígenas e travestis no arrastar da história brasileira. Declarando o estado emergencial que é destituir o poder do homem cisgênero branco e pastor.

---

<sup>1</sup> Início nas artes circenses em 2014 e após idas e vindas, em 2021 finalizo minha formação técnica na área. O curso é ofertado na Escola do Futuro em Artes de Goiás Basileu França.

Figura 1. Ventura Profana, sem título, 2021. Colagem Digital



Fonte: Instituto Moreira Salles

A imagem apresentada compõe uma série de colagens chamada Sonda, presente no site do Instituto Moreira Salles. Na imagem a frase: “Se o Senhor é o seu pastor, TUDO faltará. Salmos 23:1” sinaliza na obra a retirada de poder que se tem no nome “Senhor” e a destituição de uma hierarquia escravagista, muito presente nas escrituras bíblicas.

Ventura Profana, com seu louvor, súplicas e fé naquelas que foram amarradas, torturadas e jogadas na fornalha, coloca a identidade travesti como uma divindade, como alguém que assim como Jesus é perseguida e morta, pelos fariseus, atualizando para nossos dias, perseguidas e mortas pelas mãos de um ‘cistema’ que continua marginalizando e demonizando pessoas trans e travestis. A artista evoca, também, os poderes sobrenaturais presentes nessas identidades e em suas ancestralidades.

Em minhas produções busco lampejos de ruptura a essas verdades inventadas por homens. Colocando o corpo pra jogo, por meio da fotografia e da performance. Em “Pesca proibida”, obra criada em 2021, trago elementos que dialogam com a experiência cristã como a rede, a pesca e a analogia que existe na igreja e nas parábolas de Jesus, que fazem uma metáfora comparando o ato de pescar peixes, com a evangelização, o movimento de “pescar homens/almas” para cristo.

Figura 2 Céu Barbosa, Pesca Proibida, 2021. Fotografia e Colagem Digital



Fonte: Acervo pessoal

Portanto, na imagem, trata-se de um ser “proibido” que é pescado a fim de transformá-la e assim salvar sua alma. Mas a rede de aprisionamento está sendo deteriorada pela mutação constante desse ser. Junto à obra escrevi:

*“jogaram rede ao mar e fui pescada  
evoluo enquanto sou puxada e deslocada do habitat  
transmutação constante é vital e por vezes involuntárias /  
involuntária porque não escolhi vivenciar os sinônimos violência, capital,  
controle e Deus  
mas é vital porque não pretendo abandonar a sobrevivência”*

Questionar o que é visível dentro da arte contemporânea é abrir espaço para discutir quais visualidades estão presentes nos grandes circuitos e garantir que outras vozes e narrativas adentrem lugares e instituições de arte com suas particularidades e demandas.

## 6. ABRE PARÊNTESES: TEXTO APÊNDICE II / PRESENTE AMULETO

Entender a arte como espaço para discurso e matéria disponível para programação, me leva a um lugar de pensar como posso manipular e criar novas realidades por meio da imaginação, até que sejam concretizadas. Isso começa a aparecer no meu trabalho artístico quando em uma disciplina de laboratório artístico, nos propomos em realizar uma troca de presentes/ artes, produzidos por nós. Em contexto de pandemia e isolamento social, o projeto nasce como um movimento de cuidado entre os/as integrantes do grupo, numa iniciativa de gerar aproximação e afeto em um período tão difícil.

Na época, estava começando a desenvolver minha pesquisa com bordados e a experimentar a utilização do têxtil como suporte para minhas produções. Surge então a ideia de produzir um “presente amuleto”, uma figa como a conjuração de um feitiço, matéria de proteção e acolhimento para o momento em que vivíamos. Amuleto tem definição como objeto ou fórmula escrita que se traz e a que se atribui supersticiosamente qualquer virtude ou poder mágico que alguém leva consigo por superstição, para se preservar de perigos, doenças etc.

Figura 3 Céu Barbosa, Presente Amuleto. Bordado



Acervo pessoal

Fonte:

O processo de produção dessa obra começa no tingimento do tecido. Durante a feitura vem na memória o calor e o vapor das panelas enormes na cozinha da minha avó, tingindo as roupas desgastadas pelo tempo. A técnica que atravessa gerações milenares chegou até mim pelos ensinamentos da dona Maria. Meu interesse por essa pesquisa começou durante a pandemia na tentativa de retomar fazeres e experiências que distraíssem do caos ao redor. Peguei a maior panela, juntei cascas de cebola por um tempo, foi como um ritual para uma poção. Um preparo cuidadoso para tingir o suporte de um presente que ainda não tinha um formato definido em mente. A forma foi encontrada no processo.

Ainda retomando atravessamentos da infância, o bordado surge como um complemento a esse tecido que toma forma de presente, forma de amuleto. Lembro de diariamente varar as tardes assistindo minha mãe e irmã bordando dezenas de peças de roupa, para complementar a renda familiar, e de me interessar bastante pelos tamanhos variados daquelas bolinhas coloridas e das multi-formas das miçangas. Esse interesse era tolhido pela visão que tinham de uma criança que não podia se interessar pelas coisas das meninas.

Construindo esse presente, quis retomar tudo, e costurei nesse tecido tingido uma reunião dessas pequenas miçangas, na cor verde. Acredito que nem tanto pelo significado comum da cor, mas por ser minha cor favorita quando criança e no símbolo de carinho, cuidado, sinceridade e entrega que habita na puerilidade.

Fecha parênteses.

## 7. FIGAS: FICCIONAR MATÉRIA EM FEITIÇO / ENSEJOS

Em um almoço tive um insight: bordados programados como feitiços e conjurações que sirvam de amuleto. Cada amuleto para proteção e prevenção e manipulação de futuros. Como um movimento de encerramento desse processo formativo, produzir três bordados amuletos. Saídas oníricas para se fortalecer espiritualmente em campos de batalha. Possibilidades de lidar com todas as objeções apresentadas anteriormente e também de criar narrativas de vislumbram futuros melhores para se viver no presente.

Programar a matéria/suporte artístico por meio de códigos e rituais que preencham esse objeto com uma intenção de torná-lo uma ferramenta de proteção e apresentar um contraponto aos métodos ocidentalizados de enxergar e criar soluções para as coisas. “De fato, a magia não só oferece uma alternativa às formas de pensamento hegemônicas, mas também fornece uma estrutura com a qual questionar e analisar com maior profundidade as realidades que nos cercam”, diz Claudia Rodriguez Linares (2018, p. 77)

Assim de forma a concluir este trabalho e também essa etapa da minha vida, apresento três trabalhos elaborados com programação de itens protetivos, como um *patuá*<sup>2</sup> que, quem o obtém, está munido de seguridades vindas de outras fontes de conhecimento e visões de mundo:

Nesse sentido, o que responderá acerca da nossa capacidade de invenção no confronto a dominação do poder/ser/saber são as nossas invocações, incorporações e performances orientadas por um outro senso ético/estético. (RUFINO, 2018, p. 3)

---

<sup>2</sup> Amuleto usado em religiões de matrizes africanas.

Figura 4. Amuleto da Circulação, Céu Barbosa, 2021. Bordado



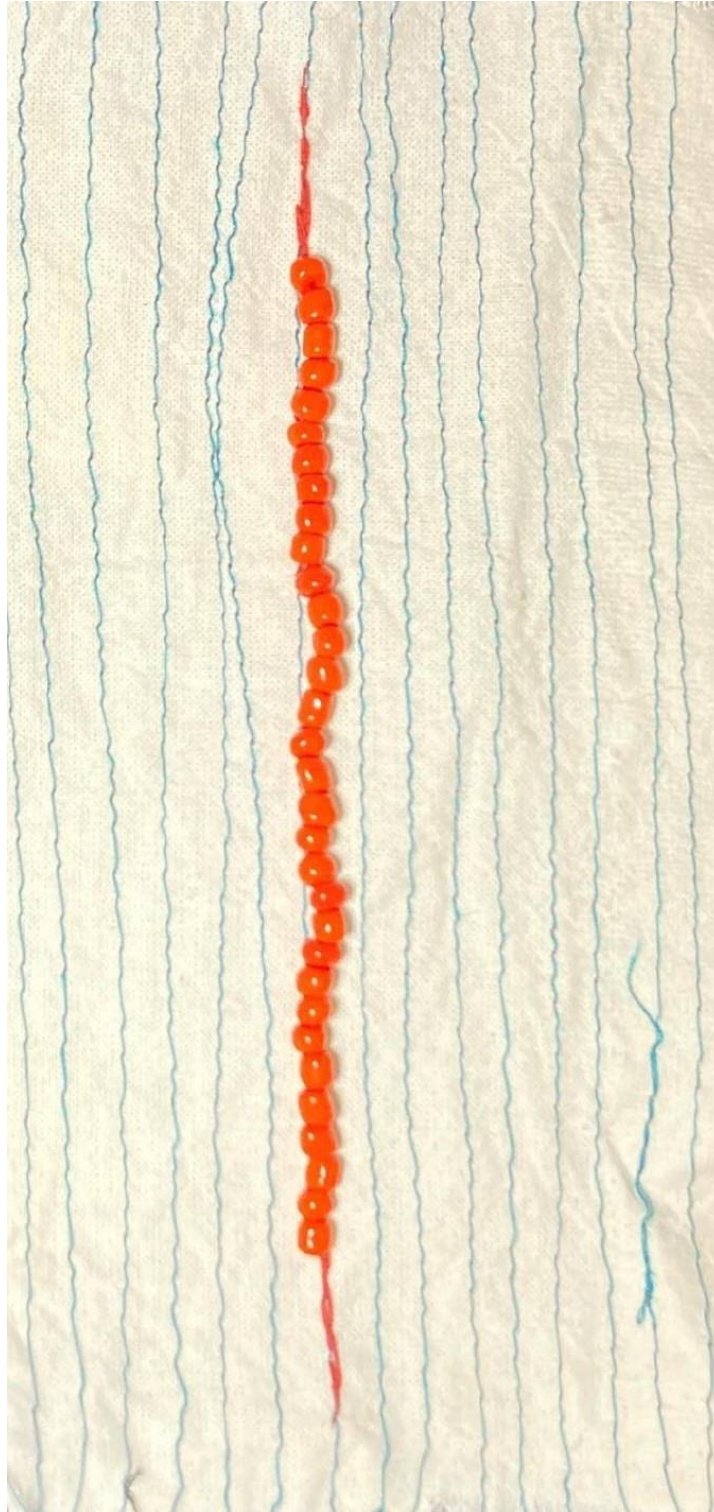
*Acervo pessoal Que a partir de agora eu tenha a movimentação e molejos da circulação invisível, que eu passe despercebida por aquilo que me marca socialmente em campos de batalha.*

Figura 5. Amuleto da Costura, Céu Barbosa, 2023. Bordado



*Que o amuleto da costura venha suturar feridas passadas, e esteja presente quando outros cortes aparecerem.*

Figura 6. Amuleto da Transmutação, Céu Barbosa, 2023. Bordado



Acervo pessoal.

*Amuleto da transmutação para transfazer, transfigurar, transverter caminhos, modificar estatísticas e modificar esquemas de poder.*

A costura final tem linhas, pedras e miçangas que representam os aspectos principais dessa pesquisa. Autobiografia, travestilidade, docência em devir e a poética artística, se entrelaçam como um caminho a seguir e evidenciam narrativas de vida, apresenta aspectos que surgem durante meu processo formativo enquanto trava, professora e artista. Surge um bordado homogêneo que me faz enxergar o processo como uma tentativa constante de costura desse corpo rasgado e retalhado, mas que ainda tenta se recompor, o que me leva a considerar os meios pelos quais tentamos também cortar e costurar a nossa história e narrativas.

A costura é uma técnica que demanda atenção, cuidado, sutileza e é sobretudo, um trabalho de repetição, seja na máquina de costura ou na mão, pontos que repetem, repetem, repetem, até que a segunda pele cortada e costurada se dê por finalizada e nomeada. Pensar em costuras e objetos protetivos para cada experiência vivida se dá além uma resolução prática, uma possibilidade de cultivar o autocuidado por meio da prática artística como uma ferramenta pedagógica. Pensar na docência e em como prevenir que outras corporeidades dissidentes se sintam amparadas e protegidas dentro e fora do contexto escolar por meio da magia, feitiços e mandingas de uma trava professora.

Cada uma de nós, em suas particularidades, podemos pensar a prática artística em forma de ritual e assim elaboramos meios para costurar aquilo que precisa de costura, nos proteger em situações em que precisamos de proteção e para programarmos utensílios de fé e esperança para vibrar desejos e ensejos de vida próspera e abundante.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. C. O currículo frente à insurgência decolonial: constituindo outros lugares de fala. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, Janeiro / Junho 2019. 196-209.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Capitalismo como religião**, São Paulo: Boitempo, 2013

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, Maio-Agosto 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 17 Janeiro 2019.

BÍBLIA, N.T. **Livro do Apocalipse**. In: Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008

BOTTOMORE, T. (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CARVALHO, D. N. D. Representatividade no relato de si e reconhecimento do outro: Transativismo e humanização multimídia transmasculina. **Sociologias Plurais**, Curitiba, 7, 2021. 352-374.

CAVALCANTI; BARBOSA; BICALHO, P. P. G. Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. **Psicologia Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro, p. 175-191, 2018. ISSN 2.

COACCI, Thiago. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público** [manuscrito]: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil / Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018.

FEITOSA, Antonina; CARVALHO, José Augusto de. **Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva**. PPGEd/UFPI, 2014

Foucault, Michel. **A história da sexualidade I** A vontade de saber. 13. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio De Janeiro: Graal, 1988.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LINARES, CLAUDIA RODRIGUEZ. **Pequeno tratado sobre arte e magia**, 2018. Tese (Doutorado), Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018

MOMBAÇA, Jota. **“Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.”** Caderno de imaginação política, nº 1 (2016).

MEIRELES, Flavia. CORPOS/CORPAS/CORPES DISSIDENTES E A CENA ARTÍSTICA: POLÍTICAS DA DIFERENÇA. In: **Moringa**, v. 11, n.1 jan-jun/2020, pp. 33-47.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. - (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

NOYOLA, Gabriela. **Geografias del Cuerpo. Por una pedagogía de la experiencia.** Mexico: Universidad Pedagógica Nacional, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual.** Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUEIROZ, Cristina. O Crescimento da Fé Evangélica. **NEXO** [online], São Paulo, dez. 2021. Externo. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-fe-evangelica>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

RAVENA, I. **Sinfonia Para o Fim do Mundo.** 3. ed. Fortaleza: LAC, 2020.

\_\_\_\_\_, I. **Escrita maldita entre todos os rebanhos domésticos e animais selvagens.** Fortaleza: UFCE, 2019.

RUFINO RODRIGUES JUNIOR, L. **Pedagogias das Encruzilhadas.** Periferia, Rio de Janeiro, jan./Jun. 2018. 71-88.

SARLO, B. **Tempo Passado Cultura da Memória e Guinada Subjetiva.** Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, T. T. da. A produção social da Identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8. ed. Petrópolis: 2008.

SPERO, Nancy. Manifesto feminista. In: **Museu de Arte de São Paulo. Histórias das mulheres, histórias feministas.** vol.2 antologias. Org: Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita. São Paulo: MASP, 2019. 529p.

SPÍNDOLA, T; SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista Esc. Enfermagem**, USP, v.37, n. 2, p. 119-126, 2003.